

A FORMAÇÃO, A IMPORTÂNCIA E O PAPEL DO SOCIALISMO CIENTÍFICO

Georges Politzer

Extraído do livro *Princípios Fundamentais da Filosofia* escrito por Guy Besse e Maurice Caveing, que acompanharam o curso de materialismo dialético na Universidade Nova de Paris de **Georges Politzer**. Tornaram-se seus discípulos e publicaram então este livro, baseado na obra original e na experiência dos ensinamentos filosóficos



Georges Politzer

O idealismo é incapaz de compreender a origem e o papel das ideias e das teorias sociais, mas o mesmo não acontece com o materialismo dialético. Porém, ele próprio não escapa as leis que regem a aparição das ideias e sua ação. É por isso que, enquanto o idealismo não se compreende a si mesmo (pois só o conseguiria se deixasse de ser idealista, tornando-se materialista), a teoria marxista está capacitada para estudar objetivamente sua própria história e para apreciar objetivamente sua importância.

Esta Decima Quarta Lição é consagrada ao aspecto mais propriamente social e político de teoria marxista: *o socialismo científico*. Estudaremos sua formação e seu papel.

I. **AS TRES FONTES DO MARXISMO** - Considerado no seu conjunto (materialismo dialético, materialismo histórico, socialismo científico), o marxismo não é um produto espontâneo do espírito humano. De um lado, nasceu ele sob um influxo das contradições objetivas da sociedade capitalista; ele as resolve de um modo inovador. De outro lado, e inseparavelmente, ele procede de um movimento de ideias que se formou em condições objetivas mais antigas, movimento esse que buscava soluções para os problemas propostos pelo desenvolvimento das sociedades.

A história da filosofia e a história das ciências sociais mostra, com toda a clareza, que o marxismo nada tem que o assemelhe ao sectarismo no sentido de uma doutrina dobrada sobre si mesma e ossificada, surgida à margem da grande rota de desenvolvimento da civilização universal. Ao contrário, Marx tem de genial o fato de que respondeu aos problemas que a humanidade avançada já levantara. Sua doutrina nasceu como a continuação direta e imediata das doutrinas dos representantes mais eminentes da filosofia, da economia política e do socialismo. [Lenin, VII, pag. 37.]

Este texto aponta as três fontes teóricas do marxismo *considerado em seu conjunto*; é preciso caracterizar, rapidamente, sua importância.

a) A filosofia alemã

A filosofia alemã do início do século XIX é uma das fontes do marxismo; dela, já tivemos ocasião de tratar.

Sabemos que Hegel, admirador da revolução de 1789, quis realizar, no plano das ideias, uma revolução análoga a que a revolução francesa realizara no campo dos fatos. Daí a *dialética*: assim como a revolução acabou com o regime feudal, que se acreditava eterno, também a dialética destronou as verdades que se acreditavam eternas; ela vê, na história, um processo que tem por motor a luta de ideias contrárias. Assim, se exprimiam ideologicamente as aspirações da burguesia alemã, no fim do século XVIII e no início do século XIX. A Alemanha, dividida, ainda estava sob o regime feudal e a jovem burguesia alemã sonhava alcançar, por sua própria conta, o que a burguesia francesa realizara, magistralmente, do outro lado do Reno. Mas, demasiado fraca, não estava ela, ainda, apta a cumprir esta tarefa histórica; eis aí o que

explica a insuficiência radical de Hegel: seu *idealismo*. O idealismo é sempre o reflexo de uma impotência objetiva. Expressão teórica de uma burguesia que gostaria muito de acabar com o feudalismo, mas que disso não é capaz, a filosofia de Hegel foi, segundo a expressão de Engels, um colossal aborto. O desenvolvimento dialético permanece, assim, puramente ideal. Além disso, ligando-se ao Estado feudal prussiano, chega a considerar este Estado como a expressão histórica necessária da Ideia. A dialética esvai-se, assim, na idealização daquilo que existe... seu movimento é bloqueado pela impotência de uma classe que só pode fazer a revolução... em espírito.

Entretanto, os filósofos burgueses da geração que vem imediatamente depois de Hegel (morto em 1831) deviam ser levados, por sua luta contra a feudalidade clerical, a encontrar no *materialismo* ateu francês do século XVIII, as armas teóricas contra o inimigo de classe. Esta etapa encara-se em Ludwig Feuerbach. Seu livro, *A Essência do Cristianismo* (1841), recolocou o materialismo em seu trono e exerceu uma forte influência sobre Marx (nascido em 1818) e Engels (nascido em 1820), ambos provenientes da burguesia liberal alemã. Mas, o materialismo de Feuerbach permanecia *mecanicista*. Feuerbach vê, no homem, com razão, um produto da natureza. Mas, ele não vê que o homem é, também, um *produtor*, que transforma a natureza, e que nisso reside a origem da sociedade. Desprovido de uma concepção científica da história, Feuerbach a substitui por uma vaga religião do amor, isto é, por um retorno ao idealismo. Impotência que traduzia a da burguesia alemã: em 1848, ela não pode levar à vitória sua revolução contra os feudais.

Sabemos que, para a elaboração do *materialismo dialético*, Marx elaborou uma filosofia, integralmente científica que ultrapassava, ao mesmo tempo, à dialética idealista de Hegel e o materialismo mecanicista de Feuerbach. A primeira exposição do materialismo dialético encontra-se nas *Teses sobre Feuerbach*, que Marx redigiu na primavera de 1845. A décima primeira tese exprime a passagem da filosofia clássica alemã, ao marxismo:

Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas trata-se de transformá-lo. [Engels, I, pag. 53.]

b) A economia política inglesa

No início do século XIX, a Inglaterra era o país mais avançado economicamente. No fim do século XVIII, a burguesia inglesa fora a primeira a passar da manufatura à fábrica, isto é, ao emprego das máquinas; assim, nascia a grande produção industrial, base técnica da sociedade capitalista. Condição objetivamente favorável ao desenvolvimento da economia política,

ciência das leis que regem a produção e a troca dos meios materiais de subsistência na sociedade humana. [Engels, III, pág. 179.]

Grandes economistas ingleses, como Adam Smith e David Ricardo, iniciaram a teoria do valor-trabalho. Mas, eles não souberam aprender, para além da troca das mercadorias, as relações objetivas entre os homens. Não conseguiram mostrar, portanto, que o valor de toda mercadoria é determinado pelo tempo de *trabalho socialmente necessário à sua produção*. O mérito de Marx consistiu, precisamente, em identificar a verdadeira natureza do valor de troca, como cristalização do trabalho social. Procedendo desta maneira, Marx ultrapassava os limites da economia política inglesa, que se mostrara incapaz de levar, até o fim, a análise do capitalismo, porque poderosos interesses de classe a isso se opunham. Os economistas acreditavam que o capitalismo era eterno. Marx, com a descoberta da *mais-valia*, obrigou a economia política a dar um salto decisivo.

Foi provado que a apropriação do trabalho não pago era a forma fundamental da produção capitalista e da exploração dos operários que é inseparável desse modo de produção; que o capitalista, mesmo quando paga a força de trabalho do operário, segundo o valor real que, como mercadoria, ela tem no mercado, dela extrai, entretanto, mais valor do que o que ele gastou para adquiri-la; provou-se, também, que esta mais-valia constitui, no fim de contas, o total dos valores de que provem a massa do capital, sem cessar crescente, acumulada nas mãos das classes possuidoras. A maneira de proceder da produção capitalista assim como a produção do capital, estavam explicadas. [Engels, V, pág.57.]

O *Capital* (cujo primeiro volume data de 1867. E no qual Marx trabalhou até a sua morte, 1883) viria a ser a obra-prima da economia política marxista.

c) O socialismo francês

É no materialismo dos filósofos franceses do século XVIII que preciso procurar o germe do socialismo moderno, do qual o socialismo científico é o desenvolvimento. Os Helvetius, od D’Holbach etc., absolutamente não eram socialistas. Mas, por suas principais teses- bondade natural do homem; onipotência da experiência, do habito, da educação; influencia determinante do meio físico e social sobre o caráter e os costumes etc.- seu materialismo

... liga-se necessariamente ao comunismo e ao socialismo... Se o homem é formado pelas circunstancias, é preciso formar as circunstancias humanamente. [Marx e Engels, II, pág.116.]

Gracchus Babeuf, que deu sua vida pelo comunismo (foi guilhotinado em 1797 pela burguesia termidoriana), era discipulo dos filósofos do século XVIII. Quanto aos predecessores de Marx, os três grandes utopistas- os franceses Saint-Simon e Fourier e o inglês Owen- eles haviam assimilado, profundamente, o materialismo do século XVIII.

Desta maneira, justifica-se a apreciação de Engels, que diz do socialismo moderno:

Como toda nova teoria, ele devia ligar-se à ordem de ideias de seus predecessores imediatos, ainda que na realidade ele tenha suas raízes no terreno dos fatos econômicos. [Engels, V, pág.39.]

Mas o socialismo anterior o de Marx não era ainda científico. Era um socialismo utópico. O socialismo francês constitui sua maior parte; mas, ele engloba, também certos pensadores alemães e o grande teórico inglês Owen.

II. O SOCIALISMO UTÓPICO

O socialismo utópico formou-se nas condições criadas pela sociedade capitalista. A burguesia lutara contra o regime feudal em nome da liberdade e da fraternidade. Ora, seu reino, na França, na Inglaterra, fez da sociedade uma selva. O desenvolvimento da indústria, no quadro do capitalismo, tendo como condição a exploração dos operários, determinou a constituição de novas feudalidades, as feudalidades do dinheiro assegurando à burguesia proprietária opulência e poder, enquanto que, no outro polo da sociedade, a miséria das massas trabalhadoras assumia proporções espantosas.

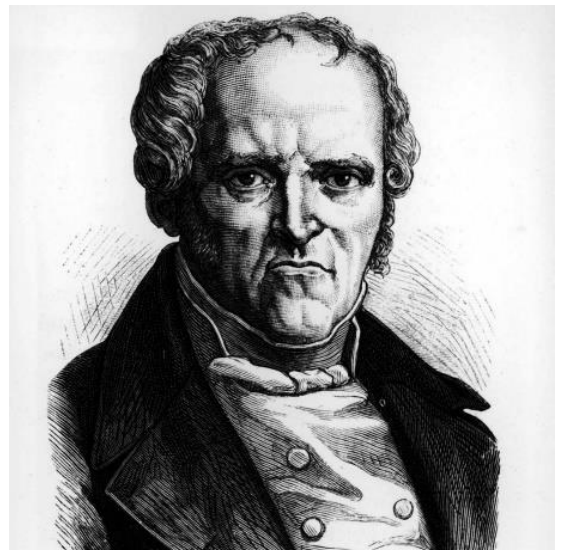
O ponto de partida do socialismo utópico foi a denúncia generosa dessa situação, que os economistas burgueses apresentavam como natural, uma vez que assegurava o

desenvolvimento da indústria. Os utopistas fazem uma crítica impiedosa a um regime no qual, segundo a expressão de Fourier, *“a pobreza nasce da própria superabundância”*.

Saint-Simon (1760-1825) constata que, no seio do capitalismo, a produção se desenvolve de maneira anárquica, numa luta implacável entre industriais, o que engendra os maiores sofrimentos para as massas. Convencido de que o desenvolvimento da indústria trará felicidade à humanidade, descreve as benfeitorias de uma organização racional da produção, nas mãos de homens associados para exploração do homem pelo homem; passar-se à do *“do governo dos homens, à administração das coisas”*.



Charles Fourier (1772-1837) estuda a governo dos homens, à administração das coisas crises do capitalismo e condena os efeitos desastrosos da concorrência. Denuncia, em particular, os malefícios da especulação e do comércio. Partidário da igualdade do homem e da mulher, faz uma crítica aguda da exploração da mulher pela burguesia. Identifica o Estado como defensor dos interesses de classe dominante, e mostra como a burguesia, convertida à religião



crista que ela combatera outrora, dissemina as ideias morais de resignação que lhe são favoráveis. Preconiza a associação como remédio para estes males. Os proprietários, associando seus bens, seu trabalho, seu talento, organizar-se-ão em pequenas comunidade de produção (os falanstérios), que assegurarão à humanidade capaz de um aperfeiçoamento indefinido, a possibilidade de um desenvolvimento harmonioso. O salário será excluído; a educação será politécnica; a emulação no trabalho atraente concorrerá para o bem comum; grandes empreendimentos agrícolas valorizarão novas terras.

Profundamente convencido, como discípulo dos materialistas do século XVIII, de que o caráter dos homens (vícios ou virtudes) é produto das circunstâncias, o jovem fabricante Robert Owen (1771-1858) considera que a revolução industrial realizada na Inglaterra cria as condições favoráveis à felicidade de todos. Inicialmente patrão filantrópico, fez da sua filial de New-Lanark

Uma colônia-modelo, onde a embriagues, a polícia, a prisão, os processos, a assistência pública e a necessidade de caridade privada eram desconhecidos. [Engels, V, pág.47.]

Depois, ele chegou ao comunismo: as forças produtivas desenvolvidas pela grande indústria devem ser propriedade coletiva, e, dela, todos os membros da comunidade devem ser igualmente beneficiários. Pensou poder preparar a organização comunista da sociedade através de cooperativas de produção e de consumo. (ilhotas, no oceano capitalista, elas estavam destinadas ao desaparecimento.)

Os grandes utopistas tiveram enormes méritos, que Marx e Engels se comprazem em assinalar. Viram, descreveram, denunciaram as taras do capitalismo em pleno desenvolvimento e previram seu fim, numa época em que ele podia acreditar-se eterno. Quiseram abolir a exploração do homem pelo homem. Campeões de uma educação progressistas, depositaram confiança na humanidade, convencidos de que sua felicidade é possível, aqui na Terra. Tem, assim, um lugar de primeira importância na história do socialismo.

Entretanto, não puderam transformar a sociedade. Por que?

Os grandes utopistas situam-se no primeiro período do capitalismo: suas contradições começam a se desenvolver, engendrando a anarquia na produção e a miséria das massas. Mas, o capitalismo era, ainda, demasiado jovem para que se pudesse manifestar, no seio do regime, a força objetivamente capaz de lutar contra o capitalismo, de vence-lo e de fundar a sociedade socialista. Esta força é o *proletariado*, que o desenvolvimento da burguesia capitalista necessariamente engendra, uma vez que sua potência repousa, inteiramente, sobre a exploração do proletariado.

Ora, no início do século XIX, o *proletariado* era ainda pouco numeroso, fraco, esparso pela concorrência. Sua luta de classe contra a burguesia existia, mas em estado rudimentar: desorganizado, ele não podia, neste estágio, ter outra finalidade além das reivindicações imediatas, particularmente a diminuição da jornada de trabalho. Sofre demasiado para ter

perspectivas de futuro. No plano político, o proletariado esta, ainda sob tutela da burguesia que, na França, particularmente, o utiliza na sua luta contra os vestígios do feudalismo: é assim que, em 1830, os proletários ajudaram a burguesia a expulsar os Bourbons para colocar, em seu lugar, um rei burguês Luís Felipe.

Os grandes utopistas; saídos da burguesia, constataam dolorosamente os sofrimentos do proletariado explorado. Mas, isso mesmo os impede de ver a força enorme que nele dormita, e que o toma a classe do futuro, no momento em que a burguesia se considera eterna.

Consequência: não encontrando na sociedade de seu tempo, os meios objetivos para suprimi-la, seu único recurso foi elaborar um plano ideal. Tiram da própria cabeça a descrição acabada de uma sociedade perfeita, que opõem; a triste realidade. Mas, ignorado a lei do desenvolvimento da sociedade capitalista, não podem descobrir o elo objetivo entre a sociedade que criticam e aquela com que sonham. Dai, a qualificação de seu socialismo: utópico. Comportam-se. Assim, como *idealistas*, discípulos dos filósofos do século XVIII, que pensavam que a razão tem o poder de engendrar uma sociedade justa. Invocam a Justiça, a Moral.

E quais medidas propõem para realizar a nova sociedade? Não suspeitando da existência da força criadora da luta de classes- temem, aliás, a ação política das massas, que identificam com a anarquia- só tem um recurso: a pregação. Tentam, então, através de escritos, ou através das comunidades-testemunha, convencer os homens da excelência do seu sistema.

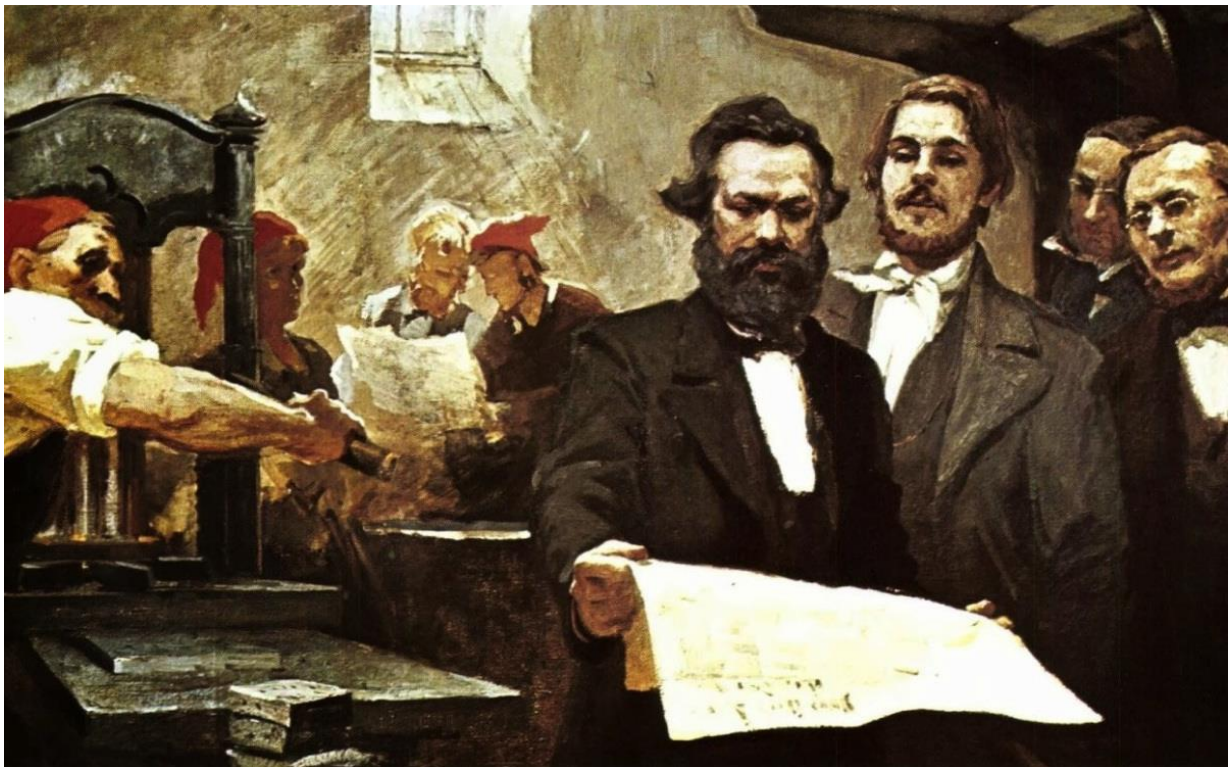
Saint-Simon afirma que o partido dos trabalhadores será criado quarenta e oito horas após a publicação de seu manifesto, ou ainda, que não é preciso rejeitar a religião, pois o socialismo é uma delas.

Empenha-se em converter a burguesia às suas ideias, na esperança de que, possuindo o poder, ela quererá realiza-las. Utopia, uma vez que os interesses de classe da burguesia estão em contradição absoluta com o socialismo.

Eis por que Saint-Simon, Fourier e Owen não podiam ter êxito. O que diferencia Marx, radicalmente, dos grandes utopistas, é que, *em lugar de imaginar um plano de sociedade ideal, ele fundou o socialismo sobre bases científicas*. Os grandes utopistas, ainda que sua crítica o capitalismo fosse, geralmente, agudo, não possuíam, ainda, o materialismo histórico, a ciência das sociedades, que devia assegurar a Marx uma superioridade decisiva. Consequentemente,

apesar de constarem os efeitos da exploração capitalista, não puderam, contudo, aprender-lhe o mecanismo. Não puderam, por outro lado, descobrir o papel que o proletariado desempenharia, necessariamente, na destruição do capitalismo. Sua impotência teórica se traduz por uma impotência prática.

Graças a Marx, a ciência toma o lugar da utopia. Graças a Marx, o socialismo, sonho dos utopistas, tornou-se realidade.



Marx e Engels

III. O SOCIALISMO CIENTÍFICO

a) Sua formação

Mais jovens do que os grandes utopistas, Marx e Engels beneficiam-se de melhores condições objetivas: quando seu pensamento chega à maturidade, as contradições do capitalismo são mais aparentes e, sobretudo, a luta revolucionária do proletariado está em pleno desenvolvimento.

Em 1825, estourou a primeira grande crise econômica do capitalismo e, doravante, as crises se manifestam de maneira periódica: as forças produtivas postas em marcha pelo regime voltam-se contra ele.

Nesta base, o proletariado, cada vez mais numeroso, concentrado pela grande indústria, desenvolve uma luta mais intensa, melhor organizada. Em 1831: primeira sublevação operária em Lião. 1838-1842: na Inglaterra, o cartismo, primeiro movimento nacional operário, atinge seu ponto culminante.

A guerra de classes entre proletários e burgueses irrompeu no primeiro plano da história dos povos que decidem a sorte da humanidade. [Engels, V, pág.56.]

Em junho de 1848, a França deveria ver levantaram-se barricadas contra a burguesia, nas quais a classe operária defendeu seu direito à vida, de armas na mão.

Marx e Engels não foram apenas testemunhas dessa luta. Militantes revolucionários, ao contrário dos utopistas, dela participaram pessoalmente- na Alemanha, na França, na Inglaterra. Trabalham na organização do movimento operário fundam, em 1864, a primeira associação internacional de trabalhadores.

Tais as condições que seu gênio soube explorar ao máximo.

b) Seus caracteres

Os falsificadores do marxismo apresentam-no como um mito, concebido pela imaginação febril de um profeta inspirado. Ao mesmo tempo, julgam-se com o direito de interpretar o marxismo a seu modo, para maior proveito da burguesia.

É preciso, pois, afirmar, com intransigência, o caráter eminente do socialismo marxista; ele não é um mito, nem um ato de fé, nem um sistema como os outros, sem qualquer valor especial. Ele é uma *ciência*.

A ciência é conhecimento objetivo da realidade; conhecimento que nos dá os meios de transformar tal realidade. Assim se deve definir o socialismo científico.

Apoia-se ele em duas grandes descobertas.

Essas duas grandes descobertas: a concepção materialista da história e a revelação do mistério da produção capitalista por meio da mais-valia, devemos-las, ambas, a Karl Marx. Elas fizeram do socialismo uma ciência... [Engels, V. pág.57.]

Sabemos que Marx encontra, no estudo da filosofia e das ciências da natureza, uma concepção do mundo, o materialismo dialético, cuja aplicação às sociedades constitui o materialismo histórico.

Darwin descobriu a lei de desenvolvimento da natureza orgânica; Marx descobriu a lei do desenvolvimento da sociedade humana. [Engels, VI, pág.52.]

Lei objetiva, exterior e anterior à consciência e à vontade dos homens. E a produção-isto é, a atividade pela qual os homens asseguram seus meios de existência- que constitui o fato fundamental das sociedades e condiciona sua história. Relações sociais, instituições políticas, ideológicas são, em última análise, determinadas pela produção dos bens materiais.

Com esta concepção científica da sociedade, Marx pode empreender o estudo da sociedade de seu tempo: o capitalismo. Escreveu no prefácio do *Capital*: [... Nosso] objetivo final é o de revelar a lei econômica do movimento da sociedade moderna.

É, pois, a análise objetiva- e não um preconceito desfavorável- que o leva a descobrir a contradição que germina e se desenvolve no capitalismo até arrebentar em crise, e que provocara, inevitavelmente, sua morte: contradição entre o caráter social das forças produtivas (grande indústria), desenvolvidas pelo capitalismo, e o caráter privado da apropriação (lucro capitalista). Não é o preconceito favorável, não é sentimento que o conduz a ver, no proletariado, a classe chamada a suceder à burguesia; é a análise objetiva do capitalismo: Marx descobre que o capitalismo só pode existir pela mais-valia, isto é, pela exploração do proletariado. Portanto, a contradição entre os interesses da burguesia e os do proletariado é inerente ao capitalismo, sua luta é um produto necessário do capitalismo. Vê-se que é absurdo reprovar a Marx por ter inventado a luta de classe. Muito simplesmente, Marx constata que ela existe, tal como sempre existiu desde a dissolução da comuna primitiva: ela é o motor da história, pois é através dela que se resolve a contradição entre forças produtivas e relações de produção. Dar-se-á assim, também, no capitalismo: a luta do proletariado, classe explorada, contra a classe exploradora, a burguesia, resolvera a contradição entre forças produtivas e relações capitalistas de produção. Como? Pela adaptação destas relações aquelas forças, pela

socialização dos meios de produção, pelo socialismo, etapa necessária do desenvolvimento histórico, tal como o capitalismo, outrora.

Marx conclui pela transformação inevitável da sociedade capitalista em sociedade socialista, inspirando-se inteiramente, exclusivamente, nas leis econômicas do movimento da sociedade moderna. [Lenin, XII, pág.34.]

É absurdo acreditar que Marx, ele próprio de origem burguesa tivesse ódio a burguesia, e que tudo provenha disso. Marx, ao estudar a história da burguesia capitalista, constata que, contra o feudalismo, ela desempenhou uma luta objetivamente revolucionária. Foi ela que permitiu o desenvolvimento da grande produção, condição do progresso das sociedades. Mas, é sobre o proletariado que, doravante, recai o papel de classe revolucionária, contra a burguesia que frena o desenvolvimento social. Se Marx condena a burguesia capitalista, ele o faz na medida em que, colocando seus interesses de classe acima de tudo, ela é capaz dos piores malefícios para salvaguardá-los.

Quanto ao proletariado, se ele é, doravante, a única classe revolucionária, não é porque Marx teria sentimentalmente decidido que tal deveria acontecer. Ele o é objetivamente, em virtude de sua situação histórica no seio do capitalismo. Por que é ele revolucionário?

Pelo fato de ele ser produto específico da sociedade burguesa (ao contrário das classes: artesãos, camponeses, pequeno-burgueses), o proletariado só pode assegurar sua vida lutando contra a classe dominante, a burguesia capitalista. Pelo fato de a concentração do capitalismo reforçar, inelutavelmente, a do proletariado e aumentar as suas fileiras. Pelo fato de, desprovido de tudo, nada tem a perder, a não ser suas cadeias. Porque, ligando as forças produtivas mais evoluídas, o único meio que tem de se libertar, e precisamente, a supressão das relações capitalistas de produção, que fazem com que estas forças de produção se voltem contra ele; seu interesse é, assim, o de arrancar os grandes meios de produção e de troca das mãos da burguesia, para transformar em propriedade de todos, numa sociedade em que terá desaparecido toda exploração. Em outros termos, o proletariado só tem necessariamente, uma perspectiva, apenas uma: a revolução socialista.

Situação de fato, estudada por Marx, que dela tira várias consequências. Se, pois, ele chama o proletariado a luta pelo socialismo, o faz na base das leis históricas. Não é em nome de uma ideia preconcebida, Justiça ou Liberdade, ainda que o socialismo deva objetivamente

libertar os homens e fundar a justiça social. Marx não faz moral para os homens, se bem que a luta pelo comunismo e sua realização, suscitem uma nova moral. E um sábio que tira, do estudo das sociedades, conclusões praticas, independentes de seu temperamento.

Tal é o incomparável mérito do socialismo científico. Acaba com as utopias porque, com ele, o socialismo desce do céu à Terra.

Ai está o que explica o alcance mundial e sempre atual da obra em que Marx e Engels expuseram, pela primeira vez, o socialismo científico: *O Manifesto do Partido Comunista* (1847).

IV. O PAPEL DO SOCIALISMO CIENTÍFICO

a) A fusão do socialismo com o movimento operário

Marx não criou o movimento operário, realidade objetiva independente dele, suscitada pela existência do capitalismo. Mas, deu-lhe, com o socialismo científico, a bussola que aclarava sua rota e o tornava invencível.

Através dele operou-se a fusão do socialismo com o movimento operário. O proletariado oprimido, assoberbado na luta premente pelo pão, não tinha, então, nem tempo, nem os meios para elaborar, por si próprio, a ciência social, a economia política. Esta ciência lhe veio de fora, graças a Marx, que se obrigara, previamente, a assimilar as melhores aquisições do pensamento humano, que o socialismo científico coroa. O socialismo científico foi, assim, obra de intelectuais burgueses avançados.

Mas, eles só podiam ter êxito em sua empresa com a condição de romperem com sua classe. Por que? A burguesia, que se apoiara o impulso das ciências da natureza- necessária as inovações técnicas, que lhe traziam proveito- não podia, uma vez vencido o feudalismo, encorajar a ciência das sociedades, sem prejudicar seus interesses de classe exploradora, uma vez que esta ciência conclui pela inelutável destruição do capitalismo. A burguesia declarou guerra à ciência das sociedades, guerra encarniçada que a leva a arrastar o marxismo diante dos tribunais, na pessoa e seus adeptos, os comunistas, como outrora, o feudalismo clerical condenou Galileu, porque este demonstrou que a Terra gira ao redor do Sol.

Doravante, não se trata mais de saber se tal ou qual teorema é verdadeiro, mas se ele soa bem ou mal, se é ou não agradável a polícia, se é útil ou prejudicial ao capital.

A pesquisa desinteressada cede lugar ao pugilato pago; a investigação conscienciosa, a má consciência, aos miseráveis subterfúgios do apologético. [Marx, I, Livro I, T. I, pág.25.]

Rompendo com sua classe, Marx e Engels colocaram-se no ponto de vista do proletariado. Ao contrário da burguesia, o proletariado não somente não podia ser hostil a ciência social, mas seu interesse de classe coincidia objetivamente com o do socialismo científico a explicação de seus males e a possibilidade de vence-los.

Toda teoria deve ser confirmada pela experiência, e é a experiência que mostrou aos trabalhadores os incomparáveis méritos do marxismo. Há um século, cada vez mais, a teoria marxista confirmou-se como a única *expressão científica dos interesses do proletariado*.

b) Necessidade da existência de um partido comunista. Crítica da espontaneidade

De que maneira se realizou, concretamente, a fusão entre o movimento operário e o socialismo científico? Pela constituição de um partido que agrupa e organiza a vanguarda do proletariado e que, armado do socialismo científico, dirige a luta revolucionária de toda a classe operaria e de seus aliados.

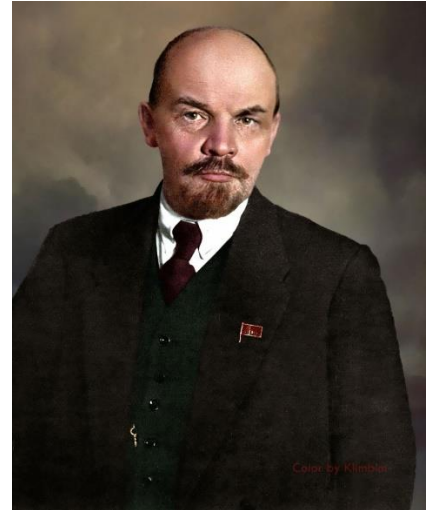
E o partido dos comunistas, aos quais Marx e Engels atribuem essa tarefa ao manifesto. Os comunistas, no plano internacional, e em cada país, trazem o proletariado uma compreensão clara das condições da marcha e dos fins gerais do movimento proletário [Marx e Engels, I, pág. 41.]

A necessidade de tal partido é um dado fundamental do socialismo científico. Ela está de acordo com os ensinamentos do materialismo dialético e histórico. Por que? Porque se é verdade que o proletariado explorado pela burguesia é, materialmente, conduzido a lutar contra ela, isso não significa, de maneira alguma, que sua consciência seja espontaneamente socialista. A tese da espontaneidade é contrária ao marxismo; a teoria revolucionária é uma ciência, e não há ciência espontânea.

Em *Que Fazer?* Lenin desenvolveu uma crítica clássica da espontaneidade. É preciso lembra-la, pois, muitos, acreditando-se marxistas, dizem que o marxismo e o instinto de classe são uma e mesma coisa. Isto leva a colocar, no mesmo plano, o proletário que, querendo lutar,

não dirige seus golpes para onde seria necessário, porque ele não tem consciência precisa de seu interesse.

Porque o socialismo não é um espontâneo do proletariado? Porque, na sociedade capitalista, a ideologia que se oferece espontaneamente ao proletariado é a ideologia burguesa. É, por exemplo, a religião, ou ainda, a moral ensinada na escola, que o convidam a ter paciência, pois, a virtude será sempre recompensada. A ideologia burguesa tem por si, além da força da tradição, os poderosos meios materiais que a burguesia governante tem a seu dispor.



Lenin

Diz-se frequentemente: a classe operaria vai espontaneamente ao socialismo. Isto é perfeitamente justo, no sentido de que, mais profundamente, e mais exatamente do que todas as demais, a teoria socialista determina as cousas dos males da classe operaria: é por isso que os operários a assimilam tão facilmente, se, entretanto, ela submete esta espontaneidade... A classe operaria é atraia espontaneamente para o socialismo, mas a ideologia burguesa, que é mais disseminada (e constantemente ressuscitada sob formas mais variadas), é também a que mais espontaneamente se impõe, sobretudo, ao operário. [Lenin, IX, pág.44.]

E Lenin observa que o movimento espontâneo do proletariado não pode levar além do trabalhismo, isto é, da formação dos sindicatos que, agrupando os trabalhadores de todas as convicções políticas, tem por objetivo a luta pelo nível de vida, pelos salários. Mas nenhum sindicato, como tal, pode trazer aos operários aquilo que faz a originalidade do partido político marxista: a perspectiva revolucionaria e a ciência da Revolução. Somente assim é que se revelam raízes da exploração capitalista.

Portanto, é através de uma luta obstinada contra a ideologia burguesa, por toda parte difundida, que o socialismo científico pode encontrar o caminho da classe operaria. Tarefa impossível de realizar sem um partido que, formado pela ciência revolucionaria e ligado as massas trabalhadoras (onde se recruta), lhe traga a consciência socialista. O interesse revolucionário do proletariado ordena-lhe, assim, defender contra todos os ataques e reforçar

o partido comunista, cuja, existência é necessária à sua vitória. Quanto a teoria da espontaneidade, ela coloca o proletariado sob controle da burguesia.

A teoria da espontaneidade... é ... base logica de todo oportunismo.

O papel científico do partido revolucionário explica seus caracteres, definidos por Lenin há cinquenta anos. Caracteres cuja necessidade escapa aos trabalhadores influenciados pela ideologia burguesa. Eis aqui deles:

a) O erro em mil formas, mas para dado objeto, a ciência é apenas uma. Daí a *unidade de princípios* que caracteriza os militantes comunistas. Isto não consiste em ter espírito de carneiro. Todos os físicos estão de acordo em reconhecer as leis da natureza. Acharíamos absurdo aquele que se vangloriasse de ter sua pequena física particular. Da mesma maneira, a ciência das sociedades não depende do temperamento das pessoas. Suas conclusões, tiradas da experiência, são verdades objetiva, validas para todos. Isto explica a unidade monolítica do partido marxista.

b) *a crítica e a autocrítica*, às quis os militantes comunistas submetem sem cessar sua ação, é uma condição absoluta do progresso da ciência. Toda ciência- tanto a das sociedades com os demais- deve controlar seus métodos e seus resultados. Isto é de grande importância para êxito da luta revolucionaria, para o interesse dos trabalhadores, portanto. Quando os redatores do *Populaire* gracejam hostilmente com a autocrítica, pretendendo que ela desonra a aqueles que utilizam, não fazem mais que expor seu desprezo pelo interesse dos trabalhadores.

c) *A direção coletiva* é, da mesma maneira, uma necessidade científica em todos os escalões do partido revolucionário. Uma decisão, uma palavra de ordem, não podem refletir corretamente as necessidades do movimento, a menos que sejam elaboradas numa discussão coletiva, da qual participem todos os militantes, cada um trazendo a experiência que tem de seu contato com as massas. O partido, no seu conjunto, generaliza todas estas instituições: *“a teoria é a experiência do movimento operário de todos os países, tomada na sua forma geral.” [Stalin, VI, pág.18]*

Não é normal que esta generalização, que reflete os diversos aspectos do movimento em dado período, constitua lei para cada militante?

V. **CONCLUSÃO** - Há já cem anos que a classe operaria pode medir a clarividência do socialismo científico, sua capacidade de previsão. Por outro lado, os trabalhadores, assimilando cada vez mais profundamente esta ciência, enriqueceram-na com sua experiência. Esta constante permuta entre *teoria e pratica* garante o socialismo científico contra todo envelhecimento: e, aqui, aqui se reconhece sua qualidade de ciência, pois a verdadeira ciência progride sempre.

O quadro dos progressos do socialismo científico, na teoria e na prática, é, um século após o *Manifesto*, verdadeiramente prodigioso. Verifica-se assim a frase de Marx: “*A teoria torna-se uma força material desde que ela penetre nas massas.*” [Marx, VI.]

Os grandes continuadores de Marx, Engels, Lenin e Stalin souberam armar o socialismo científico com novas generalizações e rejeitar as teses que não eram mais apropriadas a situação histórica.

Exemplo: tendo o capitalismo entrado, no início do século XX, na sua fase imperialista, Lenin, apoiando-se nos princípios do socialismo, analisou as condições objetivas que o imperialismo criava para o movimento operário. Descobriu a lei de desenvolvimento desigual dos países imperialistas. Chegou, assim, a esta nova conclusão: a possibilidade de a revolução vencer a frente mundial do capitalismo no seu ponto mais fraco, o socialismo triunfando, assim de início, em um ou em alguns países. Foi o que aconteceu com a Rússia em 1917, e, mais tarde, com outros países.

A edificação do socialismo na U.R.S.S., depois a marcha para o comunismo, sob a direção do Stalin, os espantosos êxitos das democracias populares, nova forma da ditadura do proletariado, tudo isso só se efetuou à luz do socialismo científico. Uma luz que faz tremer os aproveitadores do Velho Mundo.

É preciso comparar com este balanço de lutas e vitórias o inventário daqueles que, no seio do movimento operário, combateram o socialismo científico.



www.averdade.org.br

Partimos, nesta lição, do socialismo utópico; mostramos que Marx rejeitou a incapacidade utópica para recolher a inspiração socialista. De que maneira? Levando para o primeiro plano a luta de classe, motor da passagem para o socialismo.

Pois bem, os inimigos do marxismo, de Proudhon a Blum, fizeram exatamente o inverso. Sujeitos à burguesia, não cessaram de chamar o proletariado para a colaboração de classe oferecendo-lhe, para adormece-lo, a droga da utopia. É assim que, no início do imperialismo, os chefes da IIª Internacional, que se apresentavam como revisores do socialismo científico (daí o nome de revisionistas), quiseram persuadir os trabalhadores de que a luta de classe podia cessar, uma vez que o capitalismo ia, por si mesmo, transformar-se em socialismo. Em seguida, Blum deveria apresentar sua submissão ao imperialismo americano como a primeira etapa do socialismo.

Na verdade, no dia em que se constituiu o socialismo científico, toda utopia tornava-se reacionária. Tal ideologia só podia ter um papel de diversão. Tendendo a afastar o proletariado da luta de classe. A única via revolucionária é a do socialismo científico. Quanto aos devaneios utópicos, não podem mais ser, doravante, senão venenos contrarrevolucionários.

De repente, aparece uma verdade maior: as imensas vitórias ganham graças ao socialismo científico foram também vitórias sobre seus inimigos dentro do movimento operário. A luta intransigente contra as ideologias antimarxistas não é, pois, um aspecto secundário, episódio, da luta mundial do proletariado. É um aspecto necessário. Não lutar para arrancar os trabalhadores à influência mortal do proudhonismo, do anarquismo, do revisionismo, do blumismo... é matar o futuro. Marx e Engels deram, aliás, o exemplo: eles mantiveram durante sua vida, uma guerra implacável contra os falsos socialistas, que são os melhores aliados do capitalismo